

# A TRIBUNA.

JORNAL POLITICO, MARITIMO, LITTERARIO.

Creio que Deus é Deus e os homens livres.

Publica-se nos dias 1, 8, 15, 22 de cada mez, e embore-se na Typographia do Diaria de Rio de Janeiro, Rua do Rosario n. 87.

O preço da assignatura, que pode começar em qualquer dia, é de 12\$000 parannos, 7\$000 por semestre e 3\$000 por trimestre.



ANNO I.

QUINTA-FEIRA 1 DE NOVEMBRO DE 1855.

N. 14.

## A TRIBUNA.

RIO, 1 DE NOVEMBRO.

### A Tribuna e o Sr. Visconde de Ipanema.

Amanheça por que se reproduziu no *Correio Mercantil* o retrabalho de um lugar as linhas que escrevemos sobre a desconfiança com que o Sr. Visconde reusa receber a *Tribuna*, que ahi se lhe devia em substituição do *Cosmopolita*, obrigamos a dizer ainda algumas palavras sobre o facto, além de não autorisarmos a critica de que assignatura do Sr. Visconde foi sollicitada por nós, ditta ou indistinctamente.

Tendo o redactor do *Cosmopolita* suspendido a publicação de sua folha por motivos que não importam ao caso, acordamos pagar com a *Tribuna* nos seus assignantes vinte numeros que faltavam para completar a assignatura, e entregou-nos em consequencia uma relação em que figura o Sr. Visconde de Ipanema como creder de vinte ou mais numeros.

Esta relação foi declarada publica na *Tribuna* e em uma das folhas diarias, declarando-se a reductar do *Cosmopolita* livre de sua dívida, visto que tomarmos a nossa commissão que sobre elle pesava.

Assim o Sr. Visconde recebeu *quinto* por nossa parte, pois ja se havia pago como assignante do *Cosmopolita*, os treze numeros de nossa folha, como recebera ainda os oito que faltam para saldar a dívida que tomamos sobre nos.

Desempenhamos pois esse compromisso cabalmente, quer completando com a *Tribuna* a assignatura já paga do *Cosmopolita*, quer satisfazendo a importância da assignatura aquellos que não quizerem receber a *Tribuna* em troca.

E não fazemos distincção deste ou daquelles, não o fazemos se com o Sr. Visconde de Ipanema, mas sim com todos os assignantes do *Cosmopolita*.

A simples communição para suspendermos a entrega de nossa folha depois desta declaração, antes de prescrido o numero previsto para saldar a dívida que acitamos, bastaria para que, em lugar de um *credito* de nosso, que NUNCA MANDAMOS A CASSA DO SR. VISCONDE, lhe enviásemos ao contrario um *pagador* com a importância dos numeros a que anda hoje direito.

Somos muito conscienciosos de nossa dignidade e do mesmo valor para desermos a amear ou a atreucar a ninguém para aceitar a assignatura de nossa folha, que ahi não se vende no balcão, como ja o dissemos.

Os assignantes que temos são aquellos que ou por sympathia por nossas ideas ou pelas nossas pessoas se dignam auxilar a nossa nascente folha, que deve em grande parte sua existencia e sua sustentação, dignando-se com orgulho e com reconhecimento, a uma classe pobre de meios e recursos materiais, mas rica de intelligencia e de valor moral. — A VANGUARDIA.

Os proprios ministros d'estado, que são ou devem ser leitores natos de todos os jornaes, não recebem a nosso, — que nós lhe mandemos ao menos, porquanto

entendemos dever crear os nossos leitores, o nunca mandá-los de porta em porta.

O jornalista não é um agiota, e nos nunca exerceremos o jornalismo como se exercem certas profissões commerciaes.

Se não aguardamos esta occasião para respondermos mercavelmente ao recado do Sr. Visconde de Ipanema, foi porque o seu desconhecimento exigia de nossa parte uma resposta tão prompta como severa.

Respeitamos-nos muito para desrespeitar sem razão a quem quer que seja; mas somos tambem multo viscos de nossa dignidade e valor moral para deixarmos irresponsavelmente um recado que por sua imperfluencia approximava-se ja ao insulto.

E por mais que lamentemos esta desagradavel occorrença, não nos arrependemos de a ter accitado como veio.

### A dissolução da camara.

A publicação da lei da reforma eleitoral dá lugar, como se sabe, ás reflexões do *Correio da Tarde* com que nos occupamos no numero antecedente da *Tribuna*, e com que o collega suscitou a ideia da dissolução da camara como uma consequencia do novo systema eleitoral.

Se o ministerio não quer com effeito uma mystificação politica, disse o contemporaneo, e é uma consequencia e da nova lei a prompta eleição de uma nova camara, *dada-se por todos os trabalhos da actual.*

Nestas palavras que ahi se transcreverem em caracteres *italicos*, encorajamos alguma coisa mais que a dis-

En um apresentará o vicio culpado e o vicio castigado. Em outro entregará-lha andas para serem um repellido e o outro condemnado.

Mas é que neste caso os impressores troçam-se: os affectos encontram-se.

O publico apreciará e aproveitará muito mais com a segunda posição, por isso que na primeira hypothese o poeta deva-lhe a consolação de entender-se pela desgraça do criminal, e na segunda, ao contrario, irrita-o, exalta-lhe a indignação, o desejo e a pena de ver o sacrificio da victimo sem o castigo do culpado.

E então que o publico se reconhece a si mesmo; toda a dignidade, toda a nobreza do coração humano reflecte-se-lhe na alma e transparece-lhe na physionomia, nos gestos, no olhar, nas palavras, em todos os seus movimentos enfim.

Sim, e o triumpho da dignidade do homem, dos seus instinctos generosos, da sua virtude, da sua grandeza.

O individuo que sae de um espectáculo, *completamente satisfeito*, — quer que não entendam bem, orgoglio, com seu espirito tranquillo, com sua alma suavemente embriagada por esse prazer sem descepção, que todos nos sentimos em presença de um acto que julgamos justo e merecido, é contudo mais capaz de esquecer-se do exemplo, do castigo que elle proprio alluvia ao culpado pelo poder de sua justiça, do que aquelle que sae com a indignação na alma, com o desejo, com o pesar, com a repugnancia, com a sensibilidade offendida pela impunidade do crime, procurando em sua imaginação um castigo correspondente a culpa e a offensa que recebe na generosidade de seus sentimentos, e na inflexibilidade de seus principios de justiça.

E por essa razão que eu acho de mais effeito, de mais vantagem para a educação do povo a excitação de sua repugnancia pelo crime do que a satisfação de seus instinctos que se pode tornar perigosa conformo o modo de sua applicação.

O homem que assiste em scena ao castigo rigoroso de um culpado qualquer, acaba por sympathisar com a propria culpa, porque a sensibilidade de seu coração sente-se affetada, porque a commoção não se demora, e elle vai pouco

## FOLHETIM.

RIO, 1 DE NOVEMBRO.

### FOLHAS AO VENTO.

Quando eu a escrevi na comedia *Entradas das paterças em seis folhetins*,

Isto dizia aquelle prodigio de Lope de la Vega que escrevia uma comedia por dia?

E eu, já que tenho a mania das parodias, direi tambem por minha vez: quando me senta a escrever um folhetim, lembro-me apenas de que sou folhetinista, e fecho com as seis chaves do poeta todas as falsas considerações que podem de algum modo concorrer para desviar-me do verdadeiro fim a que me devo dirigir.

E é por isso que, apesar de todo o respeito e sympathia que me merece o dedicado autor das linhas a *rosa da penina*, peço-lhe licença para discordar e combater duas opiniões emitidas em seus dois ultimos folhetins.

A primeira que trata do modo da educação pelo theatro a proposito da representação das *Mulheres de Marary*.

A segunda que pretende *injuria e impassabilidade* desparar M. Charlot de um titulo que se lhe não pode girar, arrancando-lhe um diadema que não tem por ora em nosso theatro cabeça em que possa servir.

Tratará da primeira immediatamente.

Para mover e impressionar os espectadores, para fazer propriamente o drama, isto é, a pintura da vida, a representação do homem como elle é, como achem a natureza, ha dois meios primarios que são ao mesmo tempo os mais poderosos agentes das emoções dramaticas — a felicidade e a desgraça, a fortuna e os reveses, a boa e a má sorte.

Destes dois meios, um é mais proprio. Destes dois agentes, o segundo é superior ao primeiro.

Com effeito, é mais facil excitar as emoções da alma pela

representação do infortunio, despertando a sensibilidade de affectos pungentes, commovendo o coração pelo espectáculo sempre enternecedor dos soffrimentos alheios, do que promovendo essa alegria intuitiva, mas no fundo pouco interessante que se revela naturalmente e se expõe sem esforço na physionomia do homem ao aspecto da felicidade do outro.

Argumentarei mesmo com os defeitos da natureza social, unica para quem se fez o theatro e se inventou o drama, declarando que ha sempre na fortuna alheia um que de invisivel base de tyranno, que tem como veneno subtil quimar e irritar o egoismo humano; e amargo essencia que existe infelizmente no fundo de todos os corações, e que vive a superficie com muita facilidade.

Não se dá porém a mesmo com a manifestação sempre interessante e animada do padecimento de alguém.

E' pela dor que todos os corações se fraternizam, e pelas lagrimas que se despertam os sentimentos ternos da alma, que vivem quietas na intima de todos os peitos, como qui tanto de candidas pomboas enroudas e dormidas no mais emmaranhado e recolhido das entrançadas rudes dos corpos de seus paisados.

E a razão é simples.

A tristeza sempre commove.

A alegria nem sempre excita o mesmo contentamento.

Uma falla ao coração pela ternura. A outra pelo prazer.

As lagrimas sempre promovem as lagrimas e os risos nem sempre os risos.

E ago a, passando do coração ao espirito, das paixões ás ideas, da commoção ao estudo, direi, — o theatro como educador tem tambem dois caminhos a seguir, dois methodos a desenvolver.

Pelo proceder ou por meio da apreciação e do elogio das virtudes da sociedade, ou por meio da apresentação e da censura de seus vicios.

No primeiro caso alegrará o publico pela representação sempre agradavel da virtude premiada.

No segundo contrasta-lo-ha pelo espectáculo sempre pungente da virtude opprimida e sem recompensa.





